

LAUDATO SI' E FRATELLI TUTTI: TAREFAS PARA NOVAS FORMAS DE VIDA NO PLANETA

José Alves Paiva Junior¹

RESUMO

Há muito se fala que o futuro de toda a criação depende das condições necessárias à vida e ao equilíbrio da casa-comum. O presente trabalho tem como objetivo destacar - a partir da convergência hermenêutica entre as encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti* do Papa Francisco – as intuições para um novo parâmetro que implique novas formas de vida no planeta. A crise socioecológica que atravessa o nosso planeta, dá mostras que a humanidade não tem se relacionado com equilíbrio com a natureza e com ela mesma. As encíclicas do Papa Francisco dão conta que a crise ambiental e humanitária-social são dimensões de uma mesma realidade, a crise socioecológica como expressão do “grito da Terra e o grito dos pobres”. A *Laudato si'* levanta questões acerca dos problemas ambientais que degradam a vida e o equilíbrio da nossa casa comum e propõe um paradigma de mudança. A *Fratelli tutti*, em continuidade com a *Laudato si'*, convoca a humanidade para o redescobrimto de uma fraternidade universal e uma amizade social capazes de extirpar as sombras que envolvem o nosso mundo marcado por um projeto de desenvolvimento degradante da dignidade humana. As encíclicas sugerem a conversão do modelo vigente de vida no planeta para uma ecologia integral e uma amizade social que se efetivam no cuidado e zelo com toda a criação e a criação inteira, capazes de gerar e garantir a continuidade da vida da nossa casa-comum.

Palavras-chave: Papa Francisco; ecologia integral; amizade social; ecoteologia.

LAUDATO SI' AND FRATELLI TUTTI: TASKS FOR NEW FORMS OF LIFE ON THE PLANET

ABSTRACT

There has been a continuous discussion that the future of all creation depends on the necessary conditions for life and balance on the common home. The present study aims to highlight – based on the hermeneutical convergence between the *Laudato si'* and *Fratelli tutti* encyclicals of Pope Francis – the intuitions for a new standard for the new forms of life on the planet. The socio ecological crisis that permeates our planet shows that humanity has not been having a balanced relationship with nature and with itself. Pope Francis' encyclicals perceive the issues regarding environmental issues and social-humanitarian crises as dimensions of the same reality; the socioecological crisis is an expression of “the cry of the Earth and the cry of the poor”. The *Laudato*

¹ Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (2018). Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2012) e em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN (2016). Atualmente é professor de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN; líder do Grupo de Estudos em Teologia e Ciências da Religião: hermenêuticas e práticas emancipatórias da referida IES; doutorando em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG/ROMA (2021). E-mail: prof.paivajr@gmail.com



si' raises questions regarding environmental issues that degrade the life and the balance of our common home and proposes a paradigm shift. The *Fratelli tutti*, in continuity with *Laudato si'*, summons humanity to rediscover an universal fraternity and social friendship capable of eradicating the shadows involving our world marked by a project that degrades the development of human dignity. The encyclicals suggest the conversion of the current life model on Earth to an integral ecology and a social friendship active on care and zeal to all creation, capable of generating and ensuring the continuity of life on our common home.

Keywords: Pope Francis; integral Ecology,, social friendships; ecotheology.

1 INTRODUÇÃO

A crise ambiental que salta aos olhos de todos é uma realidade que não há como negá-la. Diversos ambientalistas, climatologistas e demais autores sociais e eclesiais, desde o nível internacional ao local, têm discutido a urgência desse tema. Não obstante, todos os envolvidos com a causa ecológica dão conta de que é necessário um novo parâmetro que implique novas formas de vida no planeta.

Diante da constatação de crise ecológica e humanitária, definida nas palavras do Papa Francisco como “crise socioecológica”, convém perguntarmos: o que é possível fazer para construirmos modos de vida alternativos ao modo de vida vigente no nosso planeta? É possível obtermos aquilo de que precisamos respeitando os limites da natureza, sem destruir as condições que nos permitem viver na Terra, sem acabar diversidade cultural, social e biológica?

Na esteira de resposta à crise, surge como possíveis vias as propostas do Papa Francisco nas Cartas Encíclicas *Laudato si'* (2015) e *Fratelli tutti* (2020). A primeira encíclica sugere um novo paradigma ecológico, a saber, a conversão do modelo vigente de vida à uma ecologia integral. A segunda carta, por sua vez, sugere o cambiamento de um modelo de vida que não permite o desenvolvimento de toda a humanidade e da humanidade inteira, ao redescobrimento de uma fraternidade universal e uma amizade social capazes de reconstruir a vida.

A Terra é lugar de interligação e conexão da humanidade com ela mesma e desta com toda a criação. Sendo assim, a crise socioecológica pela qual o nosso planeta passa não é ainda uma sentença final das possibilidades de continuidade de viver na Terra. Antes, é um alerta à toda a humanidade à corresponsabilidade que lhe toca no tocante a salvar-se e concomitante salvar o nosso planeta.

2 PANORAMA DIAGNÓSTICO GERAL DA CRISE ECOLÓGICA

Nos últimos anos, temos assistido de forma assustadora a uma série de fenômenos naturais que nos chocam, confrontam e nos deixam em alerta. São chuvas fortes que se transformam em inundações e destruições cada vez maiores, secas prolongadas que castigam a terra, rios que secam, calor insuportável acima do normal nas épocas quentes, como é o que acontece agora na Europa. Inclusive, daqui a alguns anos, climatologistas não descartam temperaturas em torno de 50°C na França².

² De acordo com os climatologistas, “se pegarmos como exemplo os verões de 1976 e 1983 na França, quando tivemos temperaturas consideradas excepcionais na época e que atualmente se tornaram banais. Então, o que estamos vivendo hoje vai se tornar normal em 2050. Isso é coerente com o que esperamos da evolução do clima nos anos e décadas que estão por vir”. (UOL, 2022a, documento não paginado).

Não é de agora que estamos enfrentando mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global. Desde a Revolução Industrial, a Terra tem esquentado significativamente. Desde 1850 até hoje, a temperatura média na superfície da Terra aumentou cerca de 1,1 grau Celsius. “Além disso, desde meados do século 19, cada uma das quatro últimas décadas foram mais quentes que qualquer outra anterior” (TERRA, 2021, documento não paginado).

O caso (ou descaso) da Amazônia é extremamente preocupante. Nenhum dos governos brasileiros até agora estabeleceu como meta ambiental o “desmatamento zero”. O governo Lula-Dilma reduziu o ritmo de desmatamento, mas não houve interrupção. O governo

Bolsonaro, por sua vez, é recorde em desmatamento. Um levantamento feito pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) mostra que até abril de 2022, foram desmatadas uma área de 1.012,5 km². Pela magnitude do dado, estima-se que o desmatamento ultrapasse em 2022 a taxa de 10.000 km².³

Os vazamentos das barragens de rejeitos tóxicos da mineração em Mariana e em Brumadinho provocaram centenas de mortes, inclusive a morte do Rio Doce e a contaminação do Rio Paraopeba (afluente do Rio São Francisco) como fonte de água para a população das respectivas regiões. Por outro lado, o aquecimento global está derretendo fontes de água doce que são as geleiras, os glaciares e as calotas polares, o que tornará a vida muito difícil em inúmeros lugares do mundo (cf. LESBAUPIN, 2019, p. 99).

Os relatórios dos cientistas de todo o mundo que acompanham essas mudanças preocupam cada vez mais. Ao constatar os índices de degradação da natureza, eles preveem situações extremamente perigosas no futuro, se continuarmos a viver do mesmo jeito que estamos vivendo. Noutras palavras, estamos em um acelerado processo de destruição do nosso planeta e, conseqüentemente, da vida. A situação exige medidas urgentes, se quisermos salvar-nos e salvar o planeta de um desastre irreversível, a começar pela consciência de nossa responsabilidade no assunto (cf. LESBAUPIN, 2019, p. 99).

Quando falamos em natureza, meio ambiente, ecologia⁴, é como se estivéssemos falando de uma realidade que está fora de nós. É por isso que para muitas pessoas, a crise ecológica é um problema que vem da natureza e nos alcança. No entanto, precisamos ter consciência que a crise ecológica pela qual passamos é, antes de tudo, consequência do modo como temos nos relacionado com o planeta. “Dito de forma simples: a crise ambiental é uma crise da humanidade e de suas escolhas. [Com efeito] Precisamos dar o salto dos sintomas para suas causas” (MURAD, 2019, p. 67).

³ Para o IPAM, o avanço do desmatamento na Amazônia ficou mais evidente a partir da gestão do presidente Jair Bolsonaro. O fato é que além de não ter uma política ambiental, o governo Bolsonaro enfraqueceu os órgãos de fiscalização e de punição a crimes ambientais. Não se tem ações de combate e controle de atividades ilegais na região. A Amazônia se transformou em uma “terra de ninguém” e ao mesmo tempo de todos: quem chega é dono, devasta, desmata, destrói e vende. (UOL, 2022b, documento não paginado).

⁴ A princípio, convém esclarecer que existem vários conceitos de ecologia: filosófico, científico, teológico. No entanto, em nossa pesquisa, assumimos o conceito de ecologia elaborado por Leonardo Boff para quem: “Ecologia é relação, inter-relação e dialogação de todas as coisas existentes (vivos ou não) entre si e com tudo o que existe, real ou potencial. A ecologia não tem a ver apenas com a natureza (ecologia natural), mas principalmente com a sociedade e a cultura (ecologia humana, social etc). [Para Boff] Numa visão ecológica, tudo o que existe coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que existe e preexiste subsiste através de uma teia infinita de relações omnicompreensivas. Nada existe fora da relação. Tudo se relaciona com tudo em todos os pontos” (BOFF, 1996, p. 15). Duas são as razões pelas quais optamos pelo conceito de Leonardo Boff: primeiro porque o seu conceito de ecologia ao integrar vários saberes, converge para uma ecoteologia. Isto é: um saber que articula uma visão antropocêntrica com a criação e a redenção do mundo em Deus; a segunda razão está na proximidade que a “ecologia integral” do Papa Francisco - como resposta à crise socioecológica - estabelece com o paradigma de ecotológico de Boff.

Para Román Guridi, teólogo chileno, os grandes sintomas da crise ambiental são quatro, a saber: “esgotamento de recursos renováveis e suas consequências para a humanidade; redução da biodiversidade e destruição de ecossistemas; aumento da poluição em diversas formas; risco de grandes desastres associados ao poder militar (energia nuclear, armas químicas e biológicas)” (GURIDI, 2018, p. 34 *apud* MURAD, 2019, p. 67).

O Papa Francisco, por sua vez, no primeiro capítulo da Encíclica *Laudato si'*, aponta como sinais da atual situação de crise do planeta: os resíduos sólidos e a cultura do descarte, as mudanças climáticas, a qualidade da água, a perda da biodiversidade, a deteriorização da qualidade de vida com a degradação ambiental, e a desigualdade planetária (cf. FRANCISCO, 2015, p. 3 - 48).

Para Jorge Riechmann, filósofo e ecologista espanhol, “a atual crise ecológica resulta de desajustes na interação entre biosfera e tecnosfera [...] Os processos lineares que regem a tecnosfera industrial chocam violentamente contra os processos cíclicos que prevalecem na biosfera” (RIECHMANN, 2005, p. 114 *apud* MURAD, 2019, p. 67). Estas, segundo Murad (2019, p. 67) “absorvem cada vez mais matéria e energia e excretam resíduos a um ritmo insustentável”.

Respeitadas as devidas distâncias entre as posições apresentadas, o que se percebe é que a raiz do problema ecológico ou crise ambiental reside no modo como vivemos: a nossa forma de trabalhar, produzir e consumir altera os ecossistemas e o funcionamento natural do planeta. Nesse sentido, o problema não é apenas estritamente ecológico, mas também antropológico. Isto é, diz respeito a uma forma de vida que imprimimos e incide diretamente na negação da integridade da Criação e concomitante a degradação da dignidade humana.

De fato, é inevitável negar que o que está acontecendo com nossa casa comum, em parte, deve-se à negação da integridade da Criação efetivada com práticas e modos de vida baseados numa autocompreensão antropocêntrica cujas raízes podem ser fruto de equívoco hermenêutico da Escritura. O ser humano que se relaciona com o cosmos movido por um “desejo de poder” legitimado na doutrina bíblica da criação, mas que, no fundo, não tem fundamento na própria Bíblia (MOLTMANN, 1987, p. 55, tradução nossa).

De fato, uma leitura rápida do texto de Gn 1, 28, a saber: “[...] Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”, se se apegar ao verbo “dominar” pode levar a muitos erros de interpretação. O que dizer ou como interpretar o mandato bíblico de Gn 1,28? Duas referências podem nos ajudar a entender de forma mais precisa e exata o versículo mencionado e corrigir a antropologia que nega a criação integral e, conseqüentemente, a degradação humana: primeiro, o contexto de Gn 1, 28; segundo, o significado do verbo dominar no contexto do texto.

Em termos de contexto vale ressaltar que o versículo em questão faz parte do primeiro relato da criação Gn 1, 26-31. Com efeito, sabe-se que o primeiro relato da criação tem a finalidade de destacar a relação de Deus com todas as suas criaturas e, de modo particular, com o ser humano. Sendo diferente do Criador, o ser humano goza de um vínculo particular com ele, pois é e vive como criatura criada, originada, e ligada a Deus, com quem pode falar, dialogar, comunicar e se encontrar (cf. GIMÉNEZ-RICO, 2015, p. 38, tradução nossa).

O verbo “dominar” aparece duas vezes nesse relato. A primeira vez aparece exatamente no versículo 26 como referência ao princípio relacional de Deus com o ser humano e, aparentemente, do ser humano com as criaturas de Deus: “Então Deus disse: “Façamos os homens à nossa imagem, como nossa semelhança, e que dominem os peixes do mar [...]” (Gn 1, 26). No versículo 28, o verbo “dominar” aparece pela segunda vez e, por um lado, endossa o sentido de relação com as coisas criadas, por outro lado, implica o dominar suas próprias forças para se relacionar com a criação de forma harmoniosa.

Nesse propósito, o biblista francês Paul Beauchamp (*apud* GIMÉNEZ-RICO, 2015, p. 39, tradução nossa) cunhou a expressão “pastor da sua própria animalidade” para referir-se ao pedido que Deus faz ao ser humano em Gn 1, 26 e 28. “Dominar” não significa subjugar a natureza, a criação, os animais, as plantas e todo o cosmo. Significa, antes, apaziguar sua própria animalidade a fim de evitar se comportar como “o lobo do homem”, como um guerreiro que submete violentamente a Terra e outros seres vivos à sua força. Tanto é verdade que Deus pede que o ser humano limite a sua alimentação: “Deus disse: “eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso será vosso alimento” (Gn 1, 29).

Por meio desse pedido, Deus pretende, desde o princípio, evitar uma relação de concorrência e violência do ser humano para com a criação. Assim, em Gn 1, 26 e 28, o verbo não tem qualquer conotação de “dominação”. Ao contrário, está relacionado ao termo acadêmico *redu*, que significa dirigir, comandar, também associado à noção de governo pautada no direito e na justiça. Não obstante, no Antigo Oriente Médio e na própria Bíblia significa não só governar, mas também ser responsável diante de Deus.

Em suma, e com todos estes dados aqui reunidos de forma sintética, o mandato da Gn 1, 26.28 não incita o ser humano a submeter a Terra à tirania ou a pisotear ou explorar animais. Pelo contrário, o ser humano é convidado e encorajado por Deus a domesticar os animais, conduzi-los, apascentá-los, responsabilizar-se pelo “rebanho” que Deus o deu e o confiou (GIMÉNEZ-RICO, 2015, p. 40, tradução nossa).

O “domínio” ou “sujeição” de que se fala no Gn 1,28-31 destaca que a dominação do ser humano sobre o animal deve ser doce, amigável e afável. Afinal, como destaca Paul Beauchamp e A. Wénin *apud* Giménez-Rico (2015, p. 39, tradução nossa):

O que qualifica o ser humano como imagem de Deus é a sua forma de exercer o domínio: de forma pacífica. Isso implica que [...] o ser humano reconheça que existem limites: o do respeito pela vida e pelo lugar do animal, que deve encontrar um lugar para desenvolver sua própria vida.

Contudo, não é evidente que a relação do ser humano com a natureza seja pacífica e sem confronto. Ao contrário, desde o Período Neolítico (Idade da Pedra Polida), a humanidade vem acrescentando o uso de instrumentos e técnicas que ampliam a sua capacidade de intervenção na natureza, chegando ao auge com a atual sociedade tecnológica. É válido ressaltar que “esses instrumentos não surgiram por pura curiosidade, mas pela vontade de poder, de conquista e de acumulação” (BOFF, 2004, p. 22). É por isso que Moltmann afirma que “a crise do mundo moderno não surgiu apenas através das tecnologias que possibilitam a exploração da natureza [...] Ela se baseia muito mais na ambição que pessoas têm por poder e prepotência” (MOLTMANN, 1987, p. 43, tradução nossa).

Assim, “sempre a partir de uma posição de poder, [o ser humano] interveio tão profundamente na natureza para seu benefício exclusivo que criou uma civilização singular, a nossa civilização” (BOFF, 2004, p. 103). Diga-se de passagem, uma civilização que confere a ela mesma legitimidade para as ações destrutivas, antiecológicas e degradantes da própria estrutura social. Dessa maneira, o ser humano contemporâneo se faz não apenas senhor da criação, mas também senhor sobre o ser igual a si. “Domina e explora a humanidade da mesma maneira como explora os recursos naturais” (MAURI; ROSSI, 2019, p. 24). Com isso, degrada violentamente a dignidade humana, o que faz tornar a crise ecológica, antropológica, social e não menos que humanitária.

Não obstante, o princípio da exclusão, da não integralidade da criação rompeu com os laços da fraternidade universal: entre a humanidade e o cosmos e igualmente entre os próprios seres humanos.

A degradação ambiental não afeta somente os recursos naturais, mas também promove a degradação da qualidade de vida humana e social, penalizando os mais fracos e pobres. As razões das injustiças sociais são as mesmas que promovem as injustiças ecológicas, ou seja, a relação dominante, promovida pelo modelo políticoeconômico, baseado na exploração tanto dos recursos naturais quanto dos recursos humanos, privando-os de sua dignidade e existência (MAURI; ROSSI, 2019, p. 19).

Os mais fracos, os pobres são despidos de sua dignidade como a natureza é despida dos seus recursos naturais em vista da noção de progresso ou crescimento econômico das nações. Nesse sentido, é preciso esclarecer que quando falamos de uma crise socioecológica estamos falando de uma crise que passa tanto pelo clamor da Terra quanto pelo clamor dos pobres, articulados reciprocamente. Se é assim, a sociedade não pode mais permanecer indiferente a essa realidade de desigualdades. Acerca desse propósito o Papa Francisco escreve:

Deveriam indignar-nos, sobretudo, as enormes desigualdades que existem entre nós, porque continuamos a tolerar que alguns se considerem mais dignos do que outros. Deixamos de notar que alguns se arrastam em uma miséria degradante, sem possibilidades reais de melhorias, enquanto outros não sabem sequer o que fazer com o que têm, ostentam vaidosamente uma suposta superioridade e deixam atrás de si um nível de desperdício tal que seria impossível generalizar sem destruir o planeta. Na prática, continuamos a admitir que alguns se sintam mais humanos que outros, como se tivessem nascido com maiores direitos (LS 90) (FRANCISCO, 2015, p. 70).

Lamentavelmente, essa realidade se impõe de forma esmagadora, sobretudo, sobre os pobres. Eles é que são aos primeiros e mais privados da sua dignidade e do direito à existência em nome do progresso econômico e desenvolvimento social apenas para uns. “É preciso construir outra concepção de desenvolvimento centrada nas necessidades humanas e não nas desigualdades que degradam a dignidade humana como temos feito”. Não obstante, uma economia “que garanta a reprodução da natureza, evite o desperdício e não esgote os bens de que precisamos para viver. Uma economia voltada para a vida e não para a maximização do lucro” (LESBAUPIN, 2019, p. 101-102).

Nesse panorama geral vimos⁵ que a crise ambiental é ampla, envolvendo, além da degradação do ambiente natural, também a degradação da própria estrutura social como fruto da negação da integridade da criação que se expressa na forma de domínio e exploração e, conseqüentemente, a negação da humanidade do outro. Sendo assim, convém retomar a questão norteadora dessa pesquisa: o que é possível fazer para construirmos modos de vida alternativos ao modo de vida vigente no nosso planeta? É possível obtermos aquilo de que precisamos respeitando

⁵ Utilizamos o verbo VER, dentro da proposta metodológica clássica do *quefazer* teológico da América Latina, a saber: VER, JULGAR, AGIR. Sendo assim, a interconexão das encíclicas será apresentada na perspectiva do JULGAR e as conclusões na perspectiva do AGIR, por isso (conclusões abertas) como veremos. Sinivaldo Tavares, observa que “ao longo de sua exposição/argumentação, o papa adota sistematicamente um método de análise composto por três momentos reciprocamente implicados: distinguir, articular e compreender” (TAVARES, 2019, p. 56). Considerando que cada capítulo das encíclicas tem um tema próprio, a observação feita por Sinivaldo faz todo sentido. No entanto, como sinalizamos acima, seguiremos outro método.

os limites da natureza, sem destruir as condições que nos permitem viver na Terra, sem acabar diversidade cultural, social e biológica?

Uma via de resposta possível à crise nos é oferecida pelo Papa Francisco através de suas cartas encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti*. Atento aos sinais dos tempos, Francisco ressalta que “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” (FRANCISCO, 2015, p. 108). Responde à crise com o novo paradigma proposta na *Laudato si'* em convergência com a *Fratelli tutti*.

3 LAUDATO SI': O CLAMOR DA TERRA PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Publicada em maio de 2015, *Laudato si'* é a primeira encíclica⁶ do Papa Francisco. Na verdade, *Lumen Fidei* é a primeira carta encíclica publicada com a assinatura do Papa Francisco. No entanto, quando Francisco assumiu o pontificado, essa carta já estava em fase de finalização. Ademais, como se sabe, as considerações sobre a fé da *Lumen Fidei*, claramente complementam, junto às encíclicas sobre a caridade e a esperança, o ensinamento de Bento XVI sobre as virtudes teológicas. Logo, por mais que a *Lumen Fidei* carregue a assinatura de Francisco, seguramente, pode-se dizer que não carrega ainda a digital do seu magistério.

Laudato si' é, então, a primeira carta de Francisco porque porta, por assim dizer, a identidade do seu magistério. Mas não é somente isso, *Laudato si'* é o primeiro documento pontifício consagrado ao tema da ecologia. Nunca na história da Igreja a questão ecológica tinha assumido a primazia em um documento pontifício⁷. Não é sem razão que o documento foi recebido com entusiasmo até mesmo por quem não é tão inclinado a “cantar os louvores da Igreja”. De fato, o documento oferece contribuições importantes ao debate mundial sobre a questão ecológica.

Sendo assim, convém respondermos às seguintes questões: qual a originalidade do documento pontifício essencial para o pensamento ecológico contemporâneo? Quais os temas presentes no documento e de que modo a *Laudato si'* constitui uma resposta à crise ambiental na contemporaneidade?

A grande novidade do documento, como já sinalizamos, é o assunto de que trata, mas não só isso, é também o modo dialogal do texto como expressão da dilatação de uma consciência ecológica para além das questões estritamente ambientais. Um diálogo que evoca a colaboração dos diversos saberes em vista de uma causa comum que é a nossa “casa comum”. Francisco afronta a crise ambiental propondo um diálogo com todos, agregando e enriquecendo esse diálogo com as fontes da tradição cristã (cf. THOMASSET, 2019, p. 15-16).

⁶ Encíclica é uma carta pública do Papa por meio da qual expõe a doutrina católica sobre um tópico, muitas vezes, à luz de eventos atuais. A *Laudato si'* do Papa Francisco é dirigida a “toda pessoa que habita este planeta” (FRANCISCO, 2015, p. 4). Sendo assim, por mais que apresente a doutrina católica sobre a questão do meio ambiente, esta encíclica é oferecida como parte de um diálogo contínuo *ad intra* da Igreja Católica e com mundo.

⁷ Não estamos dizendo que a questão ecológica nunca tinha ocupado as preocupações da Igreja, mas que é a primeira vez que ocupa a centralidade em um documento pontifício. Até porque, como sabemos, em 2002, o Patriarca Ortodoxo Bartolomeu I, em comunhão com o Papa João Paulo II, lançaram “o apelo de Veneza” para uma conversão dos modos de vida e uma ética ecológica (JOÃO PAULO II, 2002). Ademais, por mais que *Laudato si'* porte a identidade do magistério de Francisco, não se trata de um documento inédito. Os discursos de Paulo VI na F.A.O., em 1970, as duas mensagens para as Jornadas Mundiais da Paz (de João Paulo II em 1990 e Bento XVI em 2010), bem como a tomada de posição de diversas conferências episcopais (entre elas a da França em 2010), que serviram de referência a este documento.

Nossa “irmã e mãe terra” (FRANCISCO, 2015, p. 3), como chama Francisco de Assis, é bela⁸, mas está doente e “clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou [...]” (FRANCISCO, 2015, p. 3). O seu gemido se faz grito que clama por uma mobilização urgente que se efetive como salvação do planeta e, conseqüentemente, da vida. O seu gemido foi escutado e possibilidades de “cura” às suas feridas são propostas pelo Papa Francisco ao longo dos seis capítulos que compõem a *Laudato si’*. Por conseguinte, apresentaremos cada um dos capítulos da encíclica procurando destacar o principal ensinamento do Papa acerca do assunto em estudo.

No primeiro capítulo, procurando dizer “O que está a acontecer nossa casa”, o papa aponta os principais sintomas da crise ecológica global. Com base no que considera “os melhores resultados da pesquisa científica” (FRANCISCO, 2015, p. 14), apresenta os elementos da crise ecológica com destaque: à poluição e às mudanças climáticas, à questão da água no planeta, à perda da biodiversidade, à deterioração da qualidade de vida humana, conseqüentemente, à degradação social e à desigualdade planetária (cf. FRANCISCO, 2015, p. 18-48).

Esse capítulo traz uma novidade interessante, a saber: é a primeira vez que os temas da mudança climática e da biodiversidade são abordados pelo Magistério Romano. E não somente isso, são abordados a partir da relação entre os elementos da fé e da ciência. Escreveu o Papa: “[...] a ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas” (FRANCISCO, 2015, p. 49). Nisso, a encíclica realiza a tarefa de aproximação e diálogo da Igreja com o mundo proposto pela *Gaudium et spes* do Vaticano II.

No segundo capítulo, o Papa oferece uma reflexão acerca do que ele chama “o Evangelho da criação”. Para tanto, justifica a sua opção metodológica nos seguintes termos:

[...] embora esta encíclica se abra a um diálogo com todos para, juntos, buscarmos caminhos de libertação, quero mostrar desde o início como as convicções da fé oferecem aos cristãos – e, em parte, também a outros crentes – motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis (FRANCISCO, 2015, p. 50).

À luz da cosmovisão cristã do mundo, Francisco destaca a sabedoria que as narrativas bíblicas nos oferecem quando nos falamos de “criação”. A propósito, a “criação” é fonte da qual emerge a cosmovisão cristã acerca de todas as realidades criadas: “o mistério do universo, a singularidade de cada criatura no conjunto harmonioso da inteira criação, a comunhão universal e o destino comum dos bens” (TAVARES, 2019, p. 27). Nesse capítulo, a fé é o pressuposto que concebe o modo de ver o mundo como dom do Criador a todas as criaturas. Daí a necessidade de viver no mundo em harmonia com toda a criação.

No terceiro capítulo, a reflexão pauta-se em apontar “A raiz humana da crise ecológica”. O papa quer ver melhor e mais profundamente o que está acontecendo com nossa casa comum⁹. Trata-se de não se contentar em apresentar apenas sintomas, até porque sabe que os sintomas são o modo como os fenômenos aparecem diante de nossos olhos (cf. TAVARES, 2019, p. 57-58). Por isso, confrontando com os valores do “Evangelho da criação”, nesse capítulo, a encíclica denuncia o

⁸ A propósito, a palavra “beleza” como sinônimo de “formosura” aparece 32 vezes na *Laudato si’*. Supomos que essa é um dos modos que o Papa utiliza no documento para nutrir em nós o encantamento, a admiração e o respeito pela natureza e pudermos contar como São Francisco “*Laudato si’, mi’ Signore!*” (FRANCISCO, 2015, p. 3).

⁹ Para o Papa, a raiz do problema da crise ecológica está no “modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até ao ponto de a arruinar” (FRANCISCO, 2015, p. 79). Com efeito, em vista de destacar a “desordem” o Papa propõe “que nos concentremos no paradigma tecnocrático dominante e no lugar que ocupa nele o ser humano e a sua ação no mundo” (FRANCISCO, 2015, p. 79).

paradigma tecnocrático, o egoísmo, a indiferença e o relativismo prático como expressões de um “certo” antropocentrismo negacionista da integridade da Criação como raízes dos fenômenos que provocam a crise ecológica.

Depois de olhar para o que acontece na nossa casa comum, e ter recuperado o critério que deve pautar a nossa relação com a natureza, bem como identificado as raízes da crise socioecológica à luz do Evangelho da criação, cabe apontar a resposta ao problema. Nesse sentido, o capítulo quarto “Uma ecologia integral” é como se fosse o núcleo da *Laudato si’*.

Dado que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial, proponho que nos detenhamos agora a refletir sobre os diferentes elementos duma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais (FRANCISCO, 2015, p. 107).

A ecologia integral representa o ponto de chegada da reflexão acerca da questão da crise ecológica planetária e, ao mesmo tempo, ponto de partida para as linhas de ação. Assim como o conceito ecoteológico de Leonardo Boff, Francisco entende que a ecologia integral compreende e constitui-se de múltiplas dimensões: ecologia ambiental, econômica e social, ecologia cultural e espiritual, ecologia da vida cotidiana, o princípio do bem comum e a justiça intergeracional.

Tendo como base o conceito de ecologia integral, o capítulo quinto propõe “Algumas linhas de orientação e de ação”. Assim escreveu o Papa:

Procurei examinar a situação atual da humanidade, tanto nas brechas do planeta que habitamos, como nas causas mais profundamente humanas da degradação ambiental. [...] procuremos agora delinear grandes percursos de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde estamos a afundar (FRANCISCO, 2015, p. 127).

As linhas propostas pela encíclica se fundam sobre o “encontro” e o “diálogo” em nível das políticas nacionais e internacionais, das ações locais que diz respeito a todos nós e nos processos de decisões entre a política e a economia, entre as religiões e as ciências (cf. THOMASSET, 2019, p. 19). O desafio é pensar como diz Papa Francisco (2015, p. 128) “num único mundo, num projeto comum”. Sendo assim, não se pode pensar apenas nos interesses particulares dos países, mas pensar numa perspectiva global.

Com o sexto capítulo - “Educação e Espiritualidade Ecológicas” - o Papa conclui o documento lembrando que

Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração (FRANCISCO, 2015, p. 155).

A educação e a espiritualidade ecológicas são exatamente as forças capazes de mover a nossa conversão interior em vista de novos modos de vida, em vista de uma antropologia integral. (THOMASSET, 2019, p. 19-20). Se observarmos bem, o quinto e o sexto capítulos nos conduzem de volta ao tema da ecologia integral, central da encíclica. A ecologia integral é, em última instância, a proposta do Papa à crise socioecológica.

Como vimos, por mais que o documento seja composto por seis capítulos temáticos, podemos mostrar, que há uma interdependência entre eles. Como diz o próprio Papa “tudo está interligado” (FRANCISCO, 2015, p. 240). Não obstante, além dos temas que destacamos na nossa apresentação, há outros temas que atravessam toda a Encíclica e que seguramente nos dão chaves de leitura para que possamos nos debruçarmos e nos apropriarmos desse documento. São eles:

[...] a íntima relação entre os pobres e a fragilidade do planeta; a convicção de que tudo está ligado no mundo; a crítica do novo paradigma e formas de poder que derivam da tecnologia; o convite a buscar outras formas de compreender a economia e o progresso; o valor próprio de cada criatura; o sentido humano da ecologia; a necessidade de debates sinceros e honestos; a grave responsabilidade da política internacional e local; a cultura do descarte e a proposição de um novo estilo de vida (THOMASSET, 2019, p. 19).

Voltemos nossa atenção agora para a questão da ecologia integral como resposta à crise ecológica planetária. A expressão “Tudo está interligado” (cf. FRANCISCO, 2015, p. 15) aparece ao menos cinco vezes no documento e isso é, por assim dizer, sintomático à ecologia integral. Se por um lado, o antropocentrismo moderno insiste numa lógica de oposição e exclusão que justifica uma relação violenta e de degradação a nossa casa comum e degradante da dignidade humana; por outro lado, a redescoberta de que tudo está interligado/interconectado é pressuposto para a construção de um novo paradigma de desenvolvimento humano e social alternativo ao atual modelo de desenvolvimento.

A *Laudato si'* se constitui como uma resposta alternativa e possível ao modo vigente de desenvolvimento porque, diferente das relações fragmentadas que estão presentes em todas as dimensões da vida no planeta, faz eco ao apelo de desenvolvimento integral (cf. FRANCISCO, 2015, p. 4) e de um humanismo pleno colocado por Paulo VI na *Populorum Progressio*. Que quer dizer esse humanismo pleno que é necessário promover “[...] senão o desenvolvimento integral de todo homem e todos os homens?” (PAULO VI, 1967, n. 42, documento não paginado).

A ecologia integral lembra que a questão ecológica é realmente urgente e preocupante, mas não deve ser separada de outras questões que fazem parte da casa comum. A propósito, a expressão “casa comum” utilizada no texto não é um mero recurso da linguagem poética para se referir ao planeta, e sim o uso da linguagem poética para dizer a íntima ligação entre ecologia, justiça social, ética e espiritualidade. Casa comum é também um modo de reafirmar que “tudo está conectado”.

Não há duas crises separadas, uma ambiental e a outra social, mas uma só e complexa crise sócio-ambiental. As possibilidades de solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, para dar dignidade aos excluídos e, simultaneamente, para preservar a natureza (LS 139) (FRANCISCO, 2018, p. 108).

Sendo assim, convém recordar que não é possível uma ecologia integral sem justiça social. A propósito “quando a justiça não habita a terra [...] toda a vida está em perigo?” (FRANCISCO, 2015, p. 56), assim nos ensina também a Sagrada Escritura. Logo,

A justiça para com os pobres, os modos de vida e de consumo, as razões de viver nesse mundo. De fato, nosso modo de habitar o mundo toca a nossa relação com a natureza e as outras criaturas, mas também aos nossos irmãos humanos, a nós mesmos e, finalmente, a Deus (THOMASSET, 2019, p. 19).

Não é possível justiça social sem combate à pobreza e às estruturas fabricadoras de pobres e empobrecidos em todo o mundo. Sendo assim, “uma verdadeira abordagem ecológica se

transforma sempre em uma abordagem social [...] para escutar tanto o clamor da terra quanto o clamor dos pobres” (FRANCISCO, 2015, p. 38).

O Papa destaca que a cultura do descarte afeta tanto as pessoas excluídas quanto as coisas. Rapidamente tanto as pessoas quanto as coisas são transformadas em lixo (cf. FRANCISCO, 2015). Quando as pessoas se tornam coisas, ou, menos do que coisas, são diminuídas à categoria de lixo, nos damos conta de que a questão não se trata apenas de (in)justiça social, mas um grave problema humano e moral. Nesse sentido, tem razão o Papa quando diz que: “a degradação do ambiente como a degradação humana e ética estão intimamente ligadas” (FRANCISCO, 2015, p. 45).

Uma ecologia integral reivindica a superação da crise humana e moral por uma ecologia humana que convida a todos cuidar de si e de todos como um dom recebido de Deus.

O lugar particular do homem no universo, segundo o desejo de Deus, pede para ser bem compreendido e não deve dar lugar nem a um “antropocentrismo despótico” (LS, 68) nem a um “bio-centrismo” que seria um novo desequilíbrio (LS, 118), mas antes de uma “reciprocidade responsável entre o humano e a natureza”, no reconhecimento do “valor próprio” de cada ser vivente (LS, 69). O Papa retoma assim a maneira de interpretar o homem “senhor do universo” como sendo seu “administrador responsável” (LS,116) (THOMASSET, 2019, p. 23-24).

Do mesmo modo, a questão de uma ecologia integral passa também pela questão de sentido, da espiritualidade. Pensar no sentido e na espiritualidade, implica pensar: “que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer? [...] Com que finalidade passamos por este mundo? Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra?” (FRANCISCO, 2015, p. 123). Daí a necessidade de termos consciência que devemos ser “os primeiros interessados em deixar um planeta habitável para a humanidade que nos vai suceder” (FRANCISCO, 2015, p. 123). Não é só o futuro que está em jogo. O nosso presente também está!

Sem mais, podemos dizer que ecologia integral tem como pressuposto a noção de interdependência. Na comunidade de vida que é o nosso planeta, tudo está interligado. A noção de interconexão corrige a subjetividade, o antropocentrismo egóico da modernidade e lembra que somos todos filhos da Terra. Se é assim, “nossa sobrevivência depende da teia da vida, dos liames dos seres abióticos [...] com os bióticos [...]. O florescimento e o desenvolvimento humano estão conectados com a vida e o bem-estar das outras criaturas. E o cuidado da Casa comum inclui os seres humanos” (MURAD, 2019, p. 81).

Inserida dentro de um contexto de urgências, a *Laudato si'* por meio da cosmovisão de “ecologia integral” recupera o sentido de que todos somos filhos da mesma Terra e que a vida de todos está interligada. A terra é uma casa, e para habitarmos nessa casa – nossa única possibilidade de existência - precisamos nos respeitar e cuidar de nós e de toda a criação.

4 FRATELLI TUTTI: O CLAMOR DA HUMANIDADE PARA A FRATERNIDADE UNIVERSAL E UMA AMIZADE SOCIAL

A *Fratelli tutti* (sobre a fraternidade universal), nova encíclica do Papa Francisco, representa um marco na doutrina social da Igreja e ao mesmo tempo um ponto de confluência de uma ampla parte do seu magistério (cf. FRANCISCO, 2020). Já no início do seu pontificado, ao inclinar a cabeça diante da multidão de fiéis reunida na Praça São Pedro e pedir “Rezemos sempre por nós, uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade” (FRANCISCO, 2013,

documento não paginado), Francisco fazia referência à fraternidade como o critério de relação que pretendia estabelecer com o povo católico e com mundo.

No dia 03 de outubro de 2020, Papa Francisco assina sobre a sepultura de Francisco de Assis, na cidade de Assis, a sua nova encíclica *Fratelli tutti*. Como se sabe, o título é uma citação direta das “Admoestações” de São Francisco aos seus irmãos: *Fratelli tutti* [Todos Irmãos]. Não obstante, o título do documento sugere o tema da fraternidade universal como paradigma alternativo proposto pelo Papa para toda a sociedade mundial. Em sintonia à *Laudato si'*, a fraternidade como novo paradigma à sociedade mundial, se estende não só aos seres humanos, mas impreterivelmente também à terra.

Vale lembrar que, como pano de fundo da carta, existe além da crise socioecológica, a pandemia da Covid-19 que – como diz o próprio Francisco: “irrompeu de forma inesperada quando eu estava a escrever esta carta” (FRANCISCO, 2020, p. 2). Como sabemos e pudemos experimentar nós mesmos, a crise sanitária mundial gerada pela Covid-19 mostrou que “ninguém se salva sozinho”. A pandemia reivindicou a ação e a colaboração de todos os humanos, repartições públicas e privadas em nível internacional, nacional e local para nos protegermos e protegemos o outro da contaminação pelo vírus altamente mortal SARS-CoV-2. Contudo, apesar de triste, esse cenário nos faz sonhar com uma única humanidade, na qual somos todos irmãos.

O objetivo fundamental da nova encíclica de Francisco é promover uma aspiração mundial à fraternidade e à amizade social. Para tanto, a encíclica está dividida em oito capítulos. O documento aborda uma série de temas que têm em comum o diagnóstico de uma conjuntura em crise, que demanda reflexões em várias direções: tanto no sentido de fazer as pessoas pensarem e questionarem a ordem das coisas e da sociedade; quanto na forma como nós nos entendemos, nos situamos no mundo.

Sendo assim, convém nos deixamos guiar pela seguinte questão: de que modo a fraternidade universal e a amizade social podem contribuir para a ecologia integral concomitante às novas formas de vida no planeta? As possibilidades de respostas serão buscadas no próprio documento. Para tanto, passemos a apresentação de cada um dos capítulos procurando destacar como a encíclica aborda os temas relativos à fraternidade universal e à amizade social.

O capítulo primeiro - As sombras dum mundo fechado - abre a encíclica com a crítica ou o diagnóstico acerca da ordem vigente no nosso mundo. A falência do mundo em que vivemos é descrito ou diagnosticada em quatro níveis: a) histórico, com o “fim da consciência histórica”; b) dos “direitos humanos que não são suficientemente universais”; c) da globalização que não tem um projeto comum e não é capaz de enfrentar “as pandemias e os flagelos da história”; d) e da comunicação, que identifica a ilusão das plataformas digitais, a “agressividade despudorada” e a “informação sem sabedoria” (cf. FRANCISCO, 2020, p. 8-20).¹⁰

Esses quatro aspectos, de fato, dão conta que vivemos em um mundo definitivamente globalizado e desagregador, marcado por desafios imensos à convivência humana. “Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque ‘a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos’” (FRANCISCO, 2020, p. 4). Noutras palavras, encontramos-nos atualmente num mundo “sem um projeto para todos” portanto, vivemos em um mundo desagregador (FRANCISCO, 2020, p. 9).

Se não há um projeto comum o risco é tornar-nos reféns dos projetos privados e/ou corporativistas que, efetivamente, instauram uma “perversa opressão econômica, social, ambiental

¹⁰ Vale ressaltar que para Leonardo Boff esse diagnóstico pode ser identificado da seguinte forma: “(1) o mercado, em termos de economia; (2) o neoliberalismo, em termos de política; (3) o individualismo, em termos de cultura; e (4) a devastação da natureza, em termos de ecologia” (BOFF, 2022, p. 24).

e cultural sobre todas as sociedades humanas” (BOFF, 2022, p. 25). Sendo assim, a ordem vigente marcada por sombras que nos impedem de nos vermos, reconhecerno-nos, assumirmo-nos e vivermos como irmãos precisa ser rejeitada. Todavia, em uma palavra de esperança, diz o Papa: “apesar destas sombras densas que não se devem ignorar, nas próximas páginas desejo dar voz a tantos percursos de esperança” (FRANCISCO, 2020, p. 14).

Uma nova ordem precisa entrar em vigor. Nesse horizonte, o segundo capítulo da *Fratelli tutti* - Um estranho no caminho - nos convida, à luz da parábola do samaritano, a nos fazermos o outro na vida e nos caminhos do nosso próximo.

Com a intenção de procurar uma luz no meio do que estamos a viver e antes de propor algumas linhas de ação, quero dedicar um capítulo a uma parábola narrada por Jesus Cristo há dois mil anos. Com efeito, apesar desta encíclica se dirigir a todas as pessoas de boa vontade, independentemente das suas convicções religiosas, a parábola em questão é expressa de tal maneira que qualquer um de nós pode deixar-se interpelar por ela (FRANCISCO, 2020, p. 15).

A parábola do samaritano é colocada como paradigma de convivência humana na terra porque faz o ser humano beber da própria fonte, do que é mais humano nos humanos, a saber, o amor.

[...] revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor. Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído “nas margens da vida”. Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade (FRANCISCO, 2020, p. 18).

Nos termos acima fica evidente que não se trata de um amor que se reduz à emoção, ao sentimento, mas a um amor que se efetiva como verbo em nível teológico e social-político. Teológico porque se é verdade que “Deus é amor e quem ama permanece Nele” (1Jo 4,16), ter uma postura universal e concreta do ato de amar torna-se um imperativo para o cristão em todo tempo e lugar. Social-político porque essa dimensão não é sem mais que um desdobramento natural do amor em nível teológico que exige de nós a superação dos isolamentos, fechamentos e globalização da indiferença.

Como diz o Papa, “pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença” (FRANCISCO, 2020, p. 25). O modelo do bom samaritano crítica a cultura do isolamento, da indiferença e dos “narcisismos bairristas que não expressam um amor sadio pelo próprio povo e a sua cultura” (FRANCISCO, 2020, p. 38) e se apresenta como abertura à amizade social, numa fraternidade aberta a todos (FRANCISCO, 2020, p. 25).

Pensar e gerar um mundo aberto - como propõe o terceiro capítulo da *Fratelli tutti*, exige assumir este novo modelo e utilizá-lo como o critério a partir do qual devemos confrontar o parâmetro vigente que está na base de toda a modernidade e das sociedades atuais, o qual segundo Boff consiste no “paradigma do *dominus* (senhor) versus do *frater* (irmão)”. Não obstante, conforme a opinião de grandes filósofos, sociólogos etc., esse modelo pode ser traduzido, sem erro, como “vontade de potência, ou simplesmente a vontade de poder, dominação sobre todas as coisas” (BOFF, 2022, p. 28).

A proposta do Papa que contrapõe esse parâmetro é o paradigma do *frater*, do irmão, de onde se deriva a fraternidade universal. Para tanto é necessário superarmos a “vontade de poder”

que anula o amor e, conseqüentemente, as possibilidades de uma fraternidade universal. O desafio é que saiamos das bolhas nas quais nos fechamos e nos disponhamos a pensar e gerar um mundo aberto ao outro, aberto para além dos afetos, do sangue, da nação. Sendo assim, mais do que pensar o mundo novo, o capítulo sugere com uma força ainda maior, gerar um mundo novo aberto a todos.

O ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude “a não ser no sincero dom de si mesmo” aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: “Só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que comunico com o outro”. Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar [...] (FRANCISCO, 2020, p. 23).

O ser humano que pensa é o mesmo que gera, é o mesmo que ama o próximo como a si mesmo porque, antes, ama a si mesmo. Nisso se revela uma antropologia que redescobre o ser humano a partir da relação implicada no eu-tu-nós, um humano que não é senhor do outro, é o outro - como o samaritano da parábola - o irmão que se faz no encontro, na abertura e na doação de si mesmo. Diante das dores e de tantas feridas que assolam a humanidade hoje, “a única via de saída é ser como o bom samaritano” (FRANCISCO, 2020, p. 18) é ser o irmão solidário.

A solidariedade consiste em pensar e agir em termos comum. A solidariedade é a ação de lutar contra as causas sociais e estruturais da pobreza e do império do dinheiro. Dessa forma, a fraternidade proposta nas relações pessoais se estende às relações sociais. A propósito, é dessa fraternidade alinhada com o agir solidário que nasce a amizade social, amizade entre os povos, as nações, entre a criação inteira. Não basta vivermos em sociedades geograficamente abertas, mas as pessoas vivem como “forasteiros existenciais” ou “exilados ocultos” (FRANCISCO, 2020, p. 37).

Gerar um mundo aberto implica construir esse mundo a partir de um amor também aberto e inclusivo. Só assim será possível realizar o cambiamento do parâmetro vigente do *dominus* (o ser humano “senhor” de uma civilização técnico-industrialista, dominadora, consumista e individualista) para o paradigma do *frater* (o irmão ou humanidade fraterna, solidária, humanidade da preservação e do cuidado de toda a vida), portanto, o paradigma da fraternidade universal e da amizade social (cf. BOFF, 2022, p. 29).

Um coração aberto ao mundo inteiro é o título do quarto capítulo da *Fratelli tutti*. Considerando o caminho que o Papa vem traçando desde o início da encíclica e a interdependência dos capítulos, podemos entender que, o coração aberto ao mundo inteiro é, por assim dizer, desdobramento e/ou fruto concreto da fraternidade universal e da amizade entre os povos gestadas pelo pensar e o agir na construção de um mundo aberto.

Dito de outra forma, pensar e gerar um mundo aberto pressupõe e implica, antes, criar um coração aberto ao mundo inteiro, um mundo sem fronteiras, sem barreiras, sem cercas, sem muros, sem divisões, sem discriminações, sem preconceitos... Com isso não se quer negar a soberania das nações, as identidades culturais dos povos etc., até porque “a fraternidade universal e a amizade social dentro de cada sociedade são dois polos inseparáveis e ambos essenciais. Separá-los leva a uma deformação e a uma polarização nociva” (FRANCISCO, 2020, p. 37).

Francisco pensa o mundo numa perspectiva mais ampla. Não desvaloriza, como dissemos, as particularidades das nações e povos. Antes, ao contrário, reconhece que é preciso “estimular uma sadia relação entre o amor à pátria e uma cordial inserção na humanidade inteira” (FRANCISCO, 2020, p. 39). Por isso, olha para o mundo a partir de uma perspectiva cujo relacionamento integra/inclui na dinâmica de fraternidade e amizade universal mundos “opostos” como Ocidente e Oriente (FRANCISCO, 2020, p. 36).

Se aceitarmos a ideia de que somos todos irmãos e tomarmos o migrante como “o próximo”, então, abre-se um leque de complexos “desafios que nos fazem mover, obrigam a assumir novas perspectivas e produzir novas reações” (FRANCISCO, 2020, p. 34). Sendo assim, um coração aberto ao mundo inteiro não pode ser compreendido como ideal universal homogeneizador e nivelador que iguala tudo, mas como o compromisso de incluir a todos e a todas na sociedade, por meio da promoção do encontro gratuito entre as pessoas, bem como a garantia da afirmação e do reconhecimento da igualdade entre as pessoas e os povos.

Por conseguinte, “Para se tornar possível o desenvolvimento duma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a política melhor [...]” (FRANCISCO, 2020, p. 40). Assim, - A política melhor - proposta no quarto capítulo da encíclica constitui-se como resposta ao projeto de desenvolvimento integral que deve ser assumido em vista da construção de um mundo aberto, sem fronteiras, isto é: à civilização da amizade social.

No entanto, o Papa Francisco reconhece que, não raras vezes, a política assume formas que dificultam o caminho para um mundo diferente do nosso. Se é assim, é preciso dizer o que o papa entende como “política melhor”. Para Francisco, a política melhor é aquela que é “colocada ao serviço do verdadeiro bem comum” (FRANCISCO, 2020, p. 40), a política que atua contra a produção de morte e da falta de cuidado para com o outro.

Por onde começar efetivar essa política? Um horizonte de resposta possível nos é oferecido, como vimos, com a parábola do bom samaritano. Segundo Boff (2022, p. 31):

Com a Parábola do Bom Samaritano Papa Francisco faz uma análise rigorosa dos vários personagens que entram em cena e os aplica à economia e à política, culminando nas perguntas: Com quem você se identifica? Com os feridos na rua, com o sacerdote, com o levita ou com o estrangeiro, o samaritano, desprezado pelos judeus? Esta questão é crua, direta e determinante: Com qual deles você se parece? (FT 64). O bom samaritano se torna modelo de amor social, político e de solidariedade irrestrita (FT 66).

Se é assim, melhor do que oferecer uma resposta fechada, devemos continuar a pergunta que nos move a uma resposta ortoprática isso porque, em última instância, uma vez identificada a finalidade da política na parábola do bom samaritano, permanece para nós o imperativo de Jesus: “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10, 37). Pois bem, a melhor política é a que passa o lado à beira do caminho ou a que coloca os feridos nos ombros e presta socorro? Não se trata aqui de apologia a uma política assistencialista, populista, mas uma política que possa garantir a dignidade, a vida e os direitos para toda a sociedade, de modo especial, uma política voltada para os mais pobres ou que começa pelo amor ao pobre. A melhor política é a que se faz com os pobres e a partir dos pobres.

Somente uma política que se faz com os últimos, a partir dos últimos e pautada no serviço à vida e ao bem comum é capaz de conduzir as nações à uma amizade social que supere a mentalidade individualista e de indiferença (FRANCISCO, 2020, p. 48). A política do bem comum (não populista, portanto, de assistencialismo) efetiva o amor político, a caridade política. Noutras palavras, efetiva uma política que não esteja submetida à economia e aos projetos de poder, mas esteja a serviço do bem comum, a começar pelos últimos. Sendo assim, é preciso libertar a política do domínio dos projetos apolíticos de poder. Somente assim ela se fará com amor político e caridade social garantindo dignidade para toda a sociedade.

A política melhor cresce e se fortalece com - Diálogo e amizade social - sexto capítulo da *Fratelli tutti*.

Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo “dialogar”. Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar. Não é necessário dizer para que serve o diálogo; é suficiente pensar como seria o mundo sem o diálogo paciente de tantas pessoas generosas, que mantiveram unidas famílias e comunidades. O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; e contudo, de forma discreta mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor (FRANCISCO, 2020, p. 52).

A palavra diálogo assume a centralidade desse capítulo. Em uma sociedade pluralista e marcada por tantos conflitos e desencontros, o Papa reforça a necessidade do diálogo como “[...] o caminho mais adequado para se chegar a reconhecer aquilo que sempre deve ser afirmado e respeitado e que ultrapassa o consenso ocasional” (FRANCISCO, 2020, p. 56). O diálogo é celebrado como instrumento fomentador à cultura do encontro, do respeito e da diversidade. A propósito, no tocante à cultura do encontro, o Papa Francisco tomado de liberdade e ousada cita o “Samba da Benção” do poeta brasileiro Vinicius de Moraes para dizer que “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (FRANCISCO, 2020, p. 57). Que o digam os que já foram vistos, curados e salvos por ações samaritanas!

O capítulo encerra com o apelo para recuperar a ternura¹¹ e a amabilidade¹² como características de um diálogo promotor da cultura do encontro, do respeito às diferenças, na busca da vida comum, da amizade social. É importante manter esse valor tanto nas relações interpessoais - nas redes sociais que hoje em dia lamentavelmente tem se convertido em vitrines para exposição de discursos de ódio, desrespeito, intolerância etc., - quanto nas relações diplomáticas internacionais. Pautar o diálogo na amabilidade e na ternura é um desafio e uma tarefa que toca desde cada pessoa em particular, às pessoas que têm responsabilidades sobre as outras, bem como organismos, organizações, instituições etc.

Por conseguinte, redescobrir a beleza do diálogo é um pressuposto fundamental para traçar os Caminhos de um novo encontro. O sétimo capítulo da *Fratelli tutti* trata dos percursos que o papa Francisco considera essenciais para a construção de relações realmente fraternas, capazes de superar todo e qualquer conflito. São caminhos que devem ser percorridos à luz do exemplo dos arquitetos e artesãos da paz que, através do perdão, sem, contudo, o esquecimento, nos lançam para o futuro com a promessa de novos encontros.

Diz o Papa: “Em muitas partes do mundo, fazem falta percursos de paz que levem a cicatrizar as feridas, há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com inventiva e ousadia, processos de cura e de um novo encontro” (FRANCISCO, 2020, p. 59). Redescobrir o valor da promoção da paz é também crucial para mediar os conflitos nas relações internacionais e entre os povos. Herdeiro do magistério latino-americano, Francisco concebe a paz como fruto da justiça, portanto, “A paz não se acha, há que construí-la” (MEDELLIN, 2004, n.2, p. 19). Por isso, conclama que nos façamos artesãos da paz, construtores da paz com ação e esperança.

¹¹ *Fratelli tutti* define a amabilidade como “um estado de ânimo que não é áspero, rude, duro, senão afável, suave, que sustenta e fortalece; uma pessoa que possui esta qualidade ajuda às demais para que sua existência seja mais suportável” (FRANCISCO, 2020, p. 59).

¹² *Fratelli tutti* define a ternura como o amor “[...] aos mais pequenos, aos mais débeis, aos mais pobres; eles devem enternecer-nos e têm o ‘direito’ de nos encher a alma e o coração; sim, são nossos irmãos, e como tais temos de amá-los e assim tratá-los [...] É amor que se faz próximo e concreto; é um movimento que procede do coração e chega aos olhos, aos ouvidos, às mãos” (FRANCISCO, 2020, p. 51).

Não obstante, Francisco recorda que “o processo de paz é um empenho que se prolonga no tempo. É um trabalho paciente de busca da verdade e da justiça, que honra a memória das vítimas e abre, passo a passo, para uma esperança comum, mais forte que a vingança” (FRANCISCO, 2020, p. 82-83). Não se constrói a paz sem uma práxis de justiça e/ou com a omissão da verdade acerca da injustiça sofrida pelas vítimas, por exemplo, dos regimes sangrentos. Negar a verdade acerca dos fatos fere duplamente a vítima e não obstante, seus familiares e a própria sociedade.

A omissão da verdade constitui em si uma injustiça, afinal, “a verdade é uma companheira inseparável da justiça e da misericórdia” (FRANCISCO, 2020, p. 60). Sem verdade não há justiça, sem justiça, não há paz, mas um acordo de mediocridade. A reivindicação do uso da verdade aliada à justiça não é para nutrir um sentimento de vingança, mas de fazer uma justa memória às vítimas, e lançar sobre os opressores a misericórdia. Olhando por essa perspectiva, pode-se dizer que a paz é “proativa”, visa formar uma sociedade baseada no serviço aos outros e na busca da reconciliação e do desenvolvimento mútuo (cf. FRANCISCO, 2020, p. 84).

Ligando a questão da paz, ainda neste capítulo, o Papa aborda o tema do perdão. Escreve: “Somos chamados a amar a todos, sem exceção”, e ressalva, “mas amar um opressor não significa consentir que continue a ser tal; nem levá-lo a pensar que é aceitável o que faz” (FRANCISCO, 2020, p. 88). Se é assim, nem de longe, perdão significa esquecimento e impunidade. Assim como a paz, o perdão e/ou a reconciliação deve ser realizado à luz da justiça e da memória que implica a afirmação da verdade.

Perdoar significa renunciar à força destrutiva do mal, à lógica nefasta da vingança, da revanche e do ódio. Perdoar significa amar o opressor. Na medida em que se ama o opressor, estabelece-se nessa relação a justiça e celebra-se a paz. A atitude de opressor para com a vítima é de injustiça, mas o amor da vítima ao opressor é balizador da justiça e da paz. Com efeito, trata-se de um amor que implica ajudá-lo a mudar e não permitir que ele continue a oprimir o seu próximo. A esse respeito escreve o Papa: “amá-lo corretamente é procurar, de várias maneiras, que deixe de oprimir, tirar-lhe o poder que não sabe usar e que o desfigura como ser humano” (FRANCISCO, 2020, p. 88).

Daí a importância de manter viva a memória dos horrores, perseguições e massacres étnicos. A manutenção dessa memória é uma forma para; de um lado, não nos anestesiarmos ou alienarmos em relação à história e manter viva a consciência coletiva do nosso passado; de outro lado, para compreendermos que enquanto humanos, nos inserimos na esteira da história daquela mesma humanidade que: fez o holocausto, que fez as duas Grandes Guerras, que construiu as bombas atômicas que destruíram Hiroshima e Nagasaki, que criaram regimes militares sangrentos em diversas partes do mundo. Olhar para esse passado nos lembra do que somos capazes e ao mesmo tempo nos diz que não devemos repetir o passado no presente e nem no futuro.

Os novos caminhos de encontro, como temos visto, passam pela construção da paz que é fruto da justiça que, por sua vez, reivindica o perdão e a reconciliação sem negação à verdade, portanto, sem esquecimentos da história, mas também sem guerras e sem pena de morte. Conforme Francisco esclarece, a guerra é “uma ameaça constante”, mas deve ser definitivamente rejeitada porque: “Toda a guerra deixa o mundo pior do que o encontrou. [Além disso, a guerra representa o] fracasso da política e da humanidade, uma rendição vergonhosa, uma derrota perante as forças do mal” (FRANCISCO, 2020, p. 69).

Ante as ameaças constantes de guerra, temos de reafirmar fortemente e profeticamente, como convida o Papa: “Nunca mais a guerra!” (FRANCISCO, 2020, p. 68). Ao invés de dinheiro para investimento em armas e guerra, o Papa sugere que esse dinheiro seja destinado à criação de “[...] um Fundo Mundial para acabar de vez com a fome e para o desenvolvimento dos países mais

pobres, a fim de que os seus habitantes não recorram a soluções violentas ou enganadoras, nem precisem de abandonar os seus países à procura duma vida mais digna” (FRANCISCO, 2020, p. 69).

No tocante à pena de morte, o Papa recorre ao posicionamento firme de João Paulo II para dizer que se trata de uma prática “inadequada no plano moral e já não é necessária no plano penal”. Ademais, afirma com clareza decididamente evangélica que “a pena de morte é inadmissível e a Igreja compromete-se decididamente a propor que seja abolida em todo o mundo” (FRANCISCO, 2020, p. 69). Assim, por mais que a guerra e a pena de morte se apresentem como justificações “aparentemente humanitárias, defensivas ou preventivas”, na realidade, são “alternativas” nefastas e anti-evangélicas, portanto, inadmissíveis e devem ser abolidas em todo o mundo.

O capítulo oitavo - As religiões ao serviço da fraternidade no mundo - da *Fratelli tutti* é dedicado ao convite que o Papa faz às religiões para quem se empenhem no serviço da fraternidade no mundo. É importante destacar que a força desse capítulo é, sobretudo, porque a escrita é fruto de todo o esforço pessoal que o próprio Papa Francisco tem feito no sentido de construir pontes de encontro e de diálogo com as outras religiões. Ele mesmo é um artesão da paz, do encontro, do diálogo. Só a religião é que pode criar a realidade de fraternidade universal.

De fato, uma fraternidade universal e de amor social não se faz sem o encontro, diálogo e contribuição das religiões. “As várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade (FRANCISCO, 2020, p. 71). Sendo assim, é possível um caminho de encontro, diálogo e paz entre as religiões. Para tanto, faz-se necessário garantir a liberdade religiosa como um “direito humano fundamental” para todos (FRANCISCO, 2020, p. 74).

Tal direito é baseado no fundamento da religião enquanto fenômeno humano de busca da transcendência, uma busca que está para além do ser humano e da história. Nessa busca, as pessoas se encontram para além de si mesmas e para além das instituições porque experimentam algo que é grande e que as une. Entretanto, a aventura da transcendência nunca acaba. O problema da peregrinação pela transcendência surge a partir do esquecimento da religião enquanto fenômeno humano e o aprisionamento e apoderamento e dessa experiência em instituições, igrejas, dogmas, ideologias.

Assentada no princípio da religião enquanto fenômeno humano, a liberdade religiosa:

[...] manifesta que podemos encontrar um bom acordo entre culturas e religiões diferentes; testemunha que as coisas que temos em comum são tantas e tão importantes que é possível individuar uma estrada de convivência serena, ordenada e pacífica, na aceitação das diferenças e na alegria de sermos irmãos porque filhos de um único Deus (FRANCISCO, 2020, p. 74).

São muitos os caminhos de transcendência, porém o ponto de chegada é o mesmo, a saber, Deus o “Pai de todos”, experimentando e revelado com nomes distintos. A religião implica caminhar na mesma direção sem que necessariamente tenha que chegar à meta. Quando acreditamos ter alcançado a meta, a busca pela transcendência é substituída pela segurança dos dogmas. A consequência disso é a absolutização da minha experiência e do meu caminho como únicos, e a negação dos outros caminhos e experiências. A intolerância e a violência nascem enquanto expressões da negação da religião como fenômeno humano.

Sendo assim, o terrorismo e toda a sorte de intolerância religiosa não se devem à religião, mas às interpretações equivocadas de textos religiosos e aprisionadas às experiências religiosas transformadas em instituições. Problemas dessa natureza acontecem exatamente por causa do

“deus” que a pessoa criou e aprisionou em verdades absolutas e imutáveis. No dia 23 de julho de 2022, na cidade de Vitória/ES, um grupo de pessoas ligadas ao projeto armamentista do atual presidente do Brasil, carregou a réplica de um revólver imenso em cima de um carro alegórico na “Marcha para Jesus” (BRASIL DE FATO, 2022, documento não paginado).

É possível imaginar, por exemplo, Jesus caminhando ao lado da estrutura assassina das cruzadas?¹³ É possível imaginar Jesus caminhando ao lado de um grupo político, uma elite religiosa, militar e financeira cujo lema é “Deus, Pátria, Família” numa “marcha pra Jesus” que carrega como estandarte uma arma que pode levar multidões a matar e a morrer?

Os evangelhos nos dão a conhecer um Jesus que ama, não um Jesus que arma! Por esta razão, quando se mata em nome de Deus, não é exatamente em nome de Deus, mas do “deus” ideologizado, aprisionado na imanência. As cruzadas, por exemplo, foram feitas em nome de um ou vários ídolos. Não foi em nome de Jesus. Os ataques terroristas não são feitos em nome do Profeta, mas em nome de uma ideologização do Profeta que aprisiona o Profeta numa imanência nociva. A “Marcha para Jesus” que, em Vitória/ES, faz apologia direta a um projeto armamentista, claramente, não caminha para Jesus, mas para um projeto de mortandade disfarçada de interesse religioso. Sendo assim, é precipitado e até equivocados associar eventos dessa natureza à religião como fenômeno humano.

As religiões podem servir à da fraternidade no mundo na medida em que continuarem como peregrinação pela transcendência e não fechamento aos dogmas e ideologismos que convergem para a metástase de um câncer na religião como fenômeno humano. Inclusive esse é também um caminho para o cristianismo enquanto religião. A missão particular do cristianismo consiste em estabelecer o diálogo em virtude de uma fraternidade universal e não dogmas. O caminho de Jesus não foi um caminho de dogmas, de doutrinas. O projeto de Jesus é de uma humanidade sem fronteiras, uma humanidade sem muros: “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher” (Gl 3,28).

Aqui está o papel da Igreja que, por sua vez, não precisa relegar sua missão à esfera privada, mas ampliar a sua atuação no encontro e no diálogo com as religiões e enquanto fenômeno humano cuja missão primordial consiste em conduzir o humano ao transcendente, e não mesmo que conduzir o humano ao humano, colaborando, dessa forma, para a fraternidade universal e a defesa da justiça. A religião cristã fala a partir de Jesus Cristo, mas deve reconhecer a legitimidade de outros pontos de vista e de experiências religiosas. Essa parece ser a síntese do oitavo e último capítulo da Encíclica *Fratelli tutti*.

Em suma, podemos dizer que as sombras de um mundo fechado são iluminadas por ações samaritanas: ver, compadecer e cuidar são atitudes que promovem um novo pensar capaz de gerar um mundo aberto que só será realidade a partir de corações também abertos e disponíveis que superando um mundo de sócios abertos ao mundo inteiro iniciam processo de amorosidade. Pensar e promover a cultura do encontro por meio da amizade social requer uma melhor política. Também necessita redescobrir a beleza do diálogo como estilo de vida chegando à construção de um caminho que possibilita um novo encontro. Para isso, se faz necessário o encontro, e a contribuição de todas as religiões como fenômeno humano colaborando, dessa maneira, para a fraternidade universal e a amizade social.

¹³ As cruzadas do século XI em diante, nada mais eram do que grupos de cristãos que, em tese, se articularam para tomar de volta às terras cristãs. Na realidade essa não era a única motivação desses grupos. Historicamente, sabe-se que havia outros interesses: militares, armamentistas, fundiários, intrigas palacianas etc. Muita gente ganhando muito dinheiro de um lado, e muita gente perdendo a vida do outro, e tudo isso em nome de “Deus”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONCLUSÕES ABERTAS

Tendo em vista a densidade do tema, entendemos que não é possível fecharmos a reflexão, até porque, em que pese o contrário, mais do que ponto de chegada, *Laudato si'* e *Fratelli tutti* constituem-se como um ponto de partida às tarefas que devem ser assumidas em vista da fraternidade universal, amizade social e a ecologia integral geradoras de novas formas de vida. Sendo assim, apresentaremos algumas conclusões organizadas em dois tópicos que exprimem: alguns pontos fundamentais de convergências entre as duas encíclicas e as suas implicações.

PONTOS DE CONVERGÊNCIAS ENTRE AS ENCÍCLICAS

As duas encíclicas são escritas tendo como inspiração espiritual a pessoa e o testemunho de São Francisco de Assis. Ademais, foram escritas tendo como pano de fundo a crise socioecológica (*Laudato si'*) e a crise sanitária e humanitária da Pandemia da Covid-19 (*Fratelli tutti*). Apesar de não parecer evidente, pode-se afirmar que a fraternidade universal e a amizade social são duas dimensões exploradas a mais em virtude de se criar e desenvolver a cultura de uma ecologia integral, fundamental para o cuidado da nossa casa comum e a vida no planeta. Ademais, a fraternidade universal, podemos dizer, “costura” a relação entre as duas encíclicas. Sem fraternidade universal não tem amizade social e muito menos ecologia integral. Em última instância, interligam o grito da terra e o grito dos pobres.

As duas encíclicas, respeitadas as suas particularidades, assumem como desafio, o presente e o futuro da vida no planeta. Uma chama atenção para a necessidade de uma ecologia integral como resposta à crise socioecológica. A outra alimenta o sonho da fraternidade sem fronteiras e do amor universal, na medida em que suscita a esperança como ação que coloca as diferenças em diálogo na busca de soluções comuns à vida em sociedade e na nossa casa comum.

Ambas criticam a falta de um projeto comum no ideal de globalização que rege o mundo. Reclamam um novo modelo econômico e político capazes de alcançar e promover integralmente a vida e a dignidade de todos, a começar pelos últimos, os pobres. A propósito, à luz das mais profundas convicções de fé, as duas encíclicas manifestam decidida e clara parcialidade aos pobres.

Criticam a noção de progresso pautada no desenvolvimento econômico e tecnocientífico e num antropocentrismo despótico, desordenado e negacionista da integralidade da Criação. Para Francisco, tudo que nos rodeia é “carícia de Deus” (FRANCISCO, 2015, p. 66) de modo que “há um mistério a contemplar em uma folha, em uma vereda, no orvalho, no rosto do pobre” (FRANCISCO, 2015, p. 175). Sendo assim, toda criação deve ser acolhida com respeito e carinho e que todo o tecido vital não pode ser excluído como supérfluo.

Ambas encontram-se diante do desafio de avançar para além do antropocentrismo violento, explorador, devastador dos recursos naturais e degradante da dignidade humana. Superar esse desafio implica passar da noção de senhor à consciência do irmão, do viver-com, numa rede de interligação, que indica que todos precisamos uns dos outros.

TAREFAS FUNDAMENTAIS PARA A CONTRIBUIÇÃO DE NOVAS FORMAS DE VIDA

São muitas as tarefas destas encíclicas às novas formas de vida no planeta. Levando em conta que no início da nossa reflexão consideramos que as causas das crises socioecológica e humanitária são o antropocentrismo e sua conseqüente degradação da dignidade humana, apresentaremos três

tarefas que acreditamos serem consequentes com as encíclicas e, ao mesmo tempo, responder às questões suscitadas. Para tanto, a nossa reflexão baseia-se na interpretação mais recente do ecoteólogo Leonardo Boff acerca das encíclicas de Francisco.

O grande desafio que se coloca às duas encíclicas subjazendo às grandes crises que fazem pano de fundo dos documentos é perda da unidade da criação por um antropocentrismo dominante. Sendo assim, a implicação que atravessa as encíclicas e chega a nós como tarefa a ser realizada é recuperar a unidade da criação: todos, irmãos e irmãs, humanos e seres da natureza. Somos criatura e nada além disso. Dito de outra maneira, “importa acolher a nossa condição humana, assim como nos é dada pela criação” (BOFF, 2022, p. 54).

Uma segunda tarefa passa pela responsabilidade individual e coletiva para com o cuidado da criação. As mudanças necessárias para a superação da atual crise socioambiental e humanitária não são de responsabilidade exclusiva dos órgãos governamentais. Essas mudanças precisam começar, antes de tudo, na mudança dos pequenos hábitos cotidianos de todos os seres humanos. É assim que se cria e se cultiva uma cultura de cuidado, respeito e “guarda” das relações de vida no planeta, ao mesmo tempo em que realiza uma conversão ecológica e, conseqüentemente, uma espiritualidade ecológica, afinal, espiritualidade é modo de viver.

A terceira e última implicação ou tarefa que destacamos à luz das encíclicas diz respeito à fraternidade. Pois bem, a fraternidade é um valor a ser resgatado, se não como estado, ao menos como um novo tipo de presença no mundo. Nesse sentido, escreve Leonardo Boff:

[...] Tudo começa com a fraternidade com todas as criaturas, amando-as e respeitando-as. Se não cultivarmos esta fraternidade originária com elas, vã será a fraternidade humana que passa a ser meramente retórica e continuamente violada. Se vivermos esse laço de fraternidade e de respeito não precisamos mais falar e defender os direitos humanos e da criação. Eles estão garantidos (BOFF, 2022, p. 47).

Se não for possível recuperar a fraternidade como um estado permanente, devemos recuperá-la, ao menos, como um modo de presença no mundo a partir da consciência *ubuntu*, a consciência de que não estamos isolados no mundo e de que necessitamos uns dos outros e só sobreviveremos juntos. Não há salvação solitária (cf. FRANCISCO, 2015, p. 116-116). Se é assim, tudo deve ser relacional e todos têm responsabilidades. Desse modo, toca as empresas a tarefa de gerarem um “equilíbrio assentado sobre o amor social, o sentido de pertença fraterna, o altruísmo, a solidariedade e o cuidado comum em relação a tudo (água, alimentação, moradia, segurança, liberdade, cultura etc.)” (BOFF, 2022, p. 54).

As sombras continuam a envolverem o mundo. No entanto, temos convicção de que uma luz de esperança lançada sobre as sombras do mundo são as encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti* do Papa Francisco. Contudo, como diz Boff, precisamos ter consciência que essa luz não dissipa todas as sombras, mas, seguramente, “aponta o caminho a ser percorrido por todos” (BOFF, 2022, p. 34). Caminho esse que, em última análise, implica acolher a nossa condição humana de criatura como nos é dada pela criação e renunciar a lógica do poder-dominação (BOFF, 2022, p. 55). Nisso está a chave da fraternidade, indispensável para nutrir a consciência de uma ecologia integral e constituir novas formas de vida para todos no planeta.

Sem mais, desejamos que o leitor (a) após ter percorrido conosco a trajetória que levou a conhecer mais sobre a ecologia e sua interdependência com a fraternidade universal e amizade social propostas pelo Papa Francisco, empenhe-se com atitudes pessoais e ações coletivas de cuidado da nossa Casa Comum. E, se for o caso, desbrave novos caminhos de reflexão, como por exemplo, mapear a recepção dessas encíclicas *ad intra* e *ad extra* na Igreja, portanto, dentro e fora

do universo confessional. Até porque, como vimos, as encíclicas ultrapassam os limites do confessional e alcançam dimensões autenticamente católicas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. **Ecologia Mundialização Espiritualidade: a emergência de um novo paradigma**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOFF, Leonardo. **Habitar a Terra: qual o caminho para a fraternidade universal?** Petrópolis: Vozes, 2022. (E-book).

BRASIL DE FATO. **Ato de Bolsonaro no ES tem réplica de arma gigante durante Marcha para Jesus**. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/23/ato-de-bolsonaro-no-es-tem-replica-de-arma-gigante-durante-marcha-para-jesus>. Acesso em: 25 jul. 2022.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.

FRANCISCO, Papa. **Benção Apostólica “Urbi et Orbi”**: primeira saudação do Papa Francisco. 2013. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 16 jul. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. 2020.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf. Acesso em: 6 jun. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. 2015. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 6 jun. 2022.

GIMÉNEZ-RICO, Enrique Sanz (Ed.). **Cuidar de la tierra, cuidar de los pobres**. Laudato si' desde la teología y con la ciência. 2. ed. Cantabria: Sal Terrae, 2015. (E-book).

JOÃO PAULO II, Papa. **Declaração conjunta de João Paulo II e do Patriarca Ecumênico Bartolomeu I**.

2002. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/june/documents/hf_jp-ii_spe_20020610_venice-declaration.html. Acesso em: 23 maio 2022.

LESBAUPIN, Ivo. Para salvar a humanidade do desastre ecológico. **Fronteiras**: revista de Teologia da UNICAP, Recife, v. 2, n. 1, p. 98-117, jan./jun. 2019.

MAURI, Érica Daiane; ROSSI, Luis Alexandre Solano. **Catequese e ecologia: espiritualidade ecológica e espiritualidade responsável**. São Paulo: Paulus, 2019. (E-book).

MOLTMANN, Jürgen. **Dios en la creación: doctrina ecológica de la creación**. Salamanca: Sígueme, 1987.

MURAD, Afonso. Da ecologia à ecoteologia: uma visão panorâmica. **Fronteiras: revista de Teologia da UNICAP**, Recife, v. 2, n. 1, p. 65-97, jan./jun. 2019.

PAULO VI, Papa. **Carta Encíclica *Populorum Progressio***: sobre o desenvolvimento dos povos. 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em: 17 jul. 2022.

TAVARES, Sinivaldo Silva. Amazônia (s): Permanente colonialidade versus Ecologia integral. **Fronteiras: revista de Teologia da UNICAP**, Recife, v. 2, n. 1, p. 35-64, jan./jun. 2019.

TERRA. **Mudanças climáticas**: as provas de que o aquecimento global é causado pelos humanos. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/ciencia/sustentabilidade/meio-ambiente/mudancas-climaticas-as-provas-de-que-o-aquecimento-global-e-causado-pelos-humanos,0569c75a938c6f8dbc9985a12599045aymlh8nt1.html>. Acesso em: 6 jun. 2022.

THOMASSET, Alain. Uma necessária conversão para uma "Ecologia integral!". **Fronteiras: revista de Teologia da UNICAP**, Recife, v. 2, n. 1, p. 14-34, jan./jun. 2019.

UOL. **Dados desmentem Bolsonaro e apontam recorde de desmatamento na Amazônia**. 2022b. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/05/20/elon-musk-jair-bolsonaro-desmatamento-amazonia-satelites-inpe.htm>. Acesso em: 6 jun. 2022.

UOL. **Onda de calor na Europa**: "no futuro poderemos ter 50°C na França", prevê climatologista. "no futuro poderemos ter 50°C na França", prevê climatologista. 2022a.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/07/19/onda-de-calor-na-europa-no-futuro-poderemos-ter-50c-na-franca-preve-climatologista.htm#:~:text=%22Esperamos%20nos%20pr%C3%B3ximos%20%2C%2030,de%20Pesquisa%20para%20o%20Desenvolvimento>. Acesso em: 19 jul. 2022.

CECCIM, R. B; FEUERWERKER, L. C. M. O Quadrilátero da Formação para a Área da Saúde: Ensino, Gestão, Atenção e Controle Social. **PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 01, p. 41- 65, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2WSjqhh>. Acesso em: 11 abr. 2021.

COSTA, D. A. S. *et al.* Diretrizes curriculares nacionais das profissões da Saúde 2001-2004: análise à luz das teorias de desenvolvimento curricular. **Interface**, Botucatu, v. 22, n. 67, p. 1183-1195, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jicse/a/GZsw79s7SZGBXZ3QNBhNppn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 mar. 2022.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2008.

MERHY, E. E. Educação Permanente em Movimento: uma política de reconhecimento e cooperação, ativando os encontros do cotidiano no mundo do trabalho em saúde, questões para os gestores, trabalhadores e quem mais quiser se ver nisso. **Saúde em Redes**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 01, p. 01-10. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2WNg67d>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MENDES, T. DE M. C. *et al.* Interação Ensino-Serviço-Comunidade no Brasil e o que dizem os atores do cenário da prática: uma revisão integrativa. **Revista Ciência Plural**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 98-116, 6 jul. 2018.